NOVELLAE OLIVARUM



ANO VIII / MAIO 1950 / NÚMERO 75

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — JOÃO DE SOUSA
Redactor — JOSÉ MENDES SERRAZINA
Proprietário e Editor — JOSÉ ANTÓNIO NOBRE DUARTE
Administrador — MANUEL ALVES LOURENÇO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 20$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

O Ofício Divino e a Formação dos Seminaristas—João A. de Sousa 97

O Centro Paroquial — Con.º António de Campos 101

Ecos da Vida Litúrgica:

Dialogação quase modelo — J. R. 104

Empreendimentos arrojados — J. R. 106

Semana de Formação Gregoriana — Fernando Campos 108

«O Canto Gregoriano, expressão da alma da Igreja — Padre José da C. Ferreira 110

O Movimento Litúrgico nos últimos 50 anos — Manuel Pires de Campos 113

Crónica de hoje — Ninguém 119

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Livraria e Papelaria Moderna

Machado & Ribeiro, L.da

Livraria Católica Portuense

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros

Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 13$00 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 13$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 12$50 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 12$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50 — Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 — Manual das Noviças, 14$00

Material escolar ——— Peçam catálogos indicando o género de livros

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.a Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

SACOR

A SACOR *é uma indústria nacional.*

Os seus produtos devem ser preferidos por todos os portugueses

COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES

Capital: 50 milhões de Escudos

Escritórios: **Rua do Alecrim, 57** · Refinaria: **Cabo Ruivo**

"O Ofício Divino e a formação dos Seminaristas"

(Notas a propósito da reforma do Breviário)

Muito se tem falado e escrito sobre a necessidade duma reforma do Breviário, e o facto é que os vários inquéritos levados a cabo lá fora estabelecem que a presente crise de «fé prática» dos Sacerdotes no seu Breviário não é devida a falta de fé ou de zelo. Reclama-se por isso um eventual reajustamento do Ofício Divino às novas condições de vida do Clero Diocesano; a Santa Sé mesmo tem deixado grande liberdade de palavra na exposição das várias sugestões tendentes a debelar esta crise.

O problema é angustiosamente claro e flagrante: para a generalidade do Clero o Breviário não é mais do que uma «obrigação sagrada», a que o tempo levou a alegria e a emoção que se experimentaram ao receber o mandato oficial da sua recitação no Subdiaconado, como se ele fosse apenas um dever a mais na vida sacerdotal.

Oração perfeita, tem de ser um verdadeiro exercício de piedade, fonte de luz para a vida interior, arrancando a alma ao bulício do mundo para a lançar no seio da Trindade Santíssima em união com a própria oração de Cristo: *in unione illius divinae intentionis qua ipse in terris laudes Deo persolvisti.*

Como evitar pois que o Padre se prive do acréscimo de luz e de vida que o Breviário se destina a dar-lhe, para procurar exclusivamente noutros exercícios de piedade o alimento da sua vida espiritual?

O caso é que por mais reformas que se levem a efeito, haverá sempre um vácuo a preencher para se aproveitar plenamente o Breviário, fazendo dele, com a Missa, o primeiro elemento da nossa perfeição sacerdotal. É

de meditar a observação judiciosa de D. Bérnard Capelle, Abade de Mont-César no encerramento do Congresso Litúrgico sobre a Reforma do Breviário (3-5 de Outubro de 1949): «Les réformes . . ., que Rome consentirait ne seront efficaces que si, en même temps qu'une adaptation de l'office au prête s'opère un profond effort d'adaptation du prêtre à l'office», porque «on doit se rendre compte que nombre de difficultés signalées viennent de déficiences du clergé lui-même, malgré sa bonne volonté» (1).

Não se trata portanto apenas dum desequilíbrio objectivo na constituição do Ofício Canónico; está também em causa uma crise de «formação» do Clero nos Seminários, cujo ambiente tão pouco favorece em regra a compreensão mistagógica do *sacrificium laudis*. Passam-se os anos de Seminário a viver numa espiritualidade muito à margem da celebração do Mistério de Cristo, cujas fases sucessivas a Igreja faz «renovar» sacramentalmente no ofício que não é sòmente a expressão oficial do seu louvor à Santíssima Trindade, senão também um elemento *sacramental* de progressiva assimilação ao Mistério do Esposo, segundo o plano da nossa predestinação adoptiva em Cristo Jesus (2).

É fácil que a estrutura da mentalidade recebida no Seminário assente em bases falseadas porque coloca-se o jovem seminarista num quadro de vida de piedade e de estudo, que prescinde ao menos pràticamente da riqueza e da eficácia espiritual do Ofício Divino, como se ele fosse apenas um encargo, embora sagrado, do futuro Sacerdote, que não uma fonte preciosa e única de vida interior, um contacto íntimo e prolongado com Deus em Cristo e por Cristo, oração de perfeito louvor. É preciso insistir-se na meditação diária, na visita ao Santíssimo, na reza do terço, na Via-Sacra, no exame de consciência e em tantas outras fórmulas tradicionais de piedade aprovadas e recomendadas (quando não mesmo impostas (3)) pela Igreja; mas respeitando e amando embora todas as devoções aprovadas, urge pôr-se acima de todas, não só na estima teórica mas ainda na piedade prática, o Santo Sacrifício da Missa, e logo em segundo lugar o Ofício Divino (4).

Na verdade, o acto central do culto sempre foi e há-de ser o Sacrifício; se Cristo incarnou para oferecer um Sacrifício em tudo digno de

---

(1 «Paroisse et Liturgie», n.º 1, 1950, p. 48.
(2) Cfr. Rom. 8/29.
(3) Cfr. can. 125.
(4) Cfr. Estatuto do Seminário Maior de Cristo Rei, art. 10, § 2.

Deus, nós somos cristãos para nos unirmos a Ele na Sua tríplice actividade: oblatória (como oferentes), hostial (como vítimas) e sacerdotal (como sacerdotes). Mas a informar este sacrifício visível, há um outro sacrifício interior, na oblação de si mesmo a Deus pelo louvor da Sua glória. É a palavra do Apóstolo: *per ipsum offeramus hostiam laudis semper Deo, id est fructum labiorum confitentium nomini ejus* ([5]). Por isso há-de o Ofício Divino, esse «sacrificium laudis», gravitar espontâneamente à volta da Eucaristia, preparando e prolongando a sua celebração, segundo um *ciclo* admirável que ao longo do ano vai celebrando os diferentes mistérios da vida de Jesus para participarmos sempre mais dos seus efeitos salutares.

São estes os princípios que lògicamente se devem ter em conta na organização da vida de piedade colectiva e da vida interior individual dos seminaristas. Se não se prevê um lugar de honra no horário para a Missa e para o Ofício, se não se cuida da formação litúrgica do futuro Sacerdote, educando-o no sentido duma íntima união a Cristo-Sacerdote que continua a Sua obra de religião e louvor nos membros do Corpo Místico, não se estranhe que já desde o Seminário o jovem clérigo relegue para os momentos perdidos do dia a grande e solene oração pública, como quem procura desembaraçar-se duma tarefa enfadonha, não se dando sequer conta do valor sacramental do Breviário que tantas vezes é posposto aos demais exercícios de piedade e ao próprio estudo. Importa pois rever cuidadosamente a formação espiritual dos seminaristas e impregná-los dum Cristianismo enraizado com solidez no Mistério de Jesus Cristo, para estabelecer o futuro Sacerdote no clima espiritual da sua Missa e do seu Breviário e fazer cessar uma espécie de divórcio psicológico ([6]).

Neste sentido já «Paroisse et Liturgie» ([7]), especializada revista de Liturgia da Abadia de S. André, exprimiu o desejo duma acção conjunta da Congregação dos Ritos e da Congregação dos Seminários para o estabelecimento das condições necessárias para criar e desenvolver o espírito litúrgico nos Seminários. Não somos nós quem pode traçar directivas, no entanto temos como indispensável para a formação dos seminaristas, numa

---

([5]) Heb. 13/15.
([6]) «Paroisse et Liturgie», loc. cit.
([7]) N.º 2, 1950, p. 84.

ambiência mais apta a fomentar a compreensão e o amor da oração oficial da Igreja, atermo-nos a este mínimo:

— CRIAÇÃO DE UM ESPÍRITO COMUNITÁRIO, que ajude o seminarista a compreender o valor colectivo, «paroquial», da oração do Breviário, e, amanhã já pároco, a convencer-se de que pela sua boca reza toda a comunidade paroquial;

— FORMAÇÃO CRISTOCÊNTRICA, facultando aos alunos do Santuário *um Cristianismo centrado fortemente no mistério de Cristo mais que na vida moral*, segundo expressão do já citado D. Capelle (8);

— FORMAÇÃO PORTANTO BASEADA NA BÍBLIA E NA LITURGIA, impondo-se por isso uma remodelação ideológica no ensino destas cadeiras;

— INICIAÇÃO CUIDADA À LITERATURA DOS SALMOS;

— E, FINALMENTE, FACILIDADE DA RECITAÇÃO EM CORO do Breviário, ao menos para os de Ordens Sacras, devendo naturalmente o horário ser organizado nesta conformidade.

O exemplo vem-nos da América: os alunos dum Seminário Maior recitam em coro o Breviário de Prima a completas, constituindo Prima a oração da manhã. Tércia antecede a primeira aula da manhã e Sexta é recitada depois da última. À tarde, Noa inicia as aulas e Vésperas termina-as. Completas tomam o lugar de oração da noite (9).

João A. de Sousa

(8) Loc. cit.
(9) Cfr. «Novellae Olivarum», n.º 58, p. 169.

O Centro Paroquial

A) *SUA NECESSIDADE — INDIFERENÇA RELIGIOSA*

A grande massa da nossa gente vive hoje à margem da Igreja. Felizmente ainda um grande número conserva no íntimo um resto de fé, não poucas vezes mesclado com superstições ridículas. Devido a isto ainda bastantes mandam baptizar os filhos, porque «*seus pais também assim faziam*», «*permitem*» que aqueles façam a Primeira Comunhão, casam pela Igreja, «*para fazer a vontade à noiva*» e desejam acompanhamento religioso nos funerais. Se a isto acrescentarmos a assistência à Missa do Natal, Fiéis Defuntos e uma ou outra vez ao Domingo, teremos um resumo completo de toda a vida religiosa de muitos dos que se dizem católicos. E vão lá convencê-los de que não são muito religiosos!? São gerações que vivem de tradições vagas de cristianismo, que seus filhos certamente já não conservarão.

Nos nossos dias, vida religiosa verdadeiramente activa, entusiástica e irradiante de fé e privilégio, relativamente raro, dum escol pouco numeroso.

Quantos não desconhecem por completo a sua própria Paróquia. Desaprenderam o caminho da Igreja, caminham à margem de Cristo e já hoje vivem como se Deus não existisse nem sequer para eles se chega a pôr tal problema, «passam bem sem isso».

B) *OBRIGAÇÕES DO PASTOR*

Por outro lado, sabendo que a Paróquia é uma comunidade viva, uma colectividade vibrante, onde todos são activos,, todos trabalham, uns para os outros, os mais dotados para os menos favorecidos, os mais ricos de

bens espirituais e materiais para os mais pobres, os que praticam para os mais afastados, os fiéis para os indiferentes.

A Igreja é o lar da família paroquial, centro obrigatório da reunião de todos, foco central para onde tudo deve convergir e donde todo o bem deve irradiar. Ali se levanta o altar, mesa comum donde todos se devem alimentar do Pão da Vida. À frente da Paróquia, presidindo à reunião da família paroquial o Pároco, pastor e pai. Já Pio X afirmava que «*o Pároco deve estar no meio dos seus fiéis como o pai no meio dos seus filhos*». Este, como bom Pastor, tem de conhecer as suas ovelhas. «*Cognosco oves meas et cognoscunt me meae*» diz o Senhor, no Evanglho; como Pastor tem pois de conhecer a história de cada família, suas ocupações e preocupações, a mentalidade dos seus fiéis. Nenhum acontecimento importante lhe deve ser desconhecido: paroquianos novos, doenças, aflições ou alegrias duns, necessidades de outros, tudo deve interessar-lhe.

Desta forma, pode visitar os recem-chegados, confortar os doentes, os tristes e os aflitos, compartilhar a alegria dos satisfeitos, socorrer os pobres e assistir aos moribundos. Ele é o pastor e o pai de todos, o confidente, o conselheiro e o amigo de sempre — a providência visível.

C) *IMPOSSIBILIDADE DE, SÓ POR SI, CUMPRIR A SUA MISSÃO*

Mas como pode o Pároco duma Paróquia citadina de 20, 40 ou 60 mil habitantes, conseguir aquele desideratum, ainda que tenha 2 ou 3 coadjutores ? Visto ser-lhe absolutamente impossível cumprir a sua missão por si ou pelos seus coadjutores, terá de servir-se de agentes de execução — Auxiliares Paroquiais — que lhe permitam ocupar-se apenas do essencial e primacial, da direcção superior de tudo. É ele o generalíssimo da Paróquia, o estratega que tudo vê e orienta, a quem nada passa despercebido, que aparece em toda a parte, no tempo oportuno, livrando dos perigos as ovelhas, tomando-as aos ombros e conduzindo-as ao celeste pábulo.

Só assim fará acção fecunda, trabalhando por meio de leigos de boa-vontade que lhe desbravem terreno e lhe franqueiem portas que uma batina jamais ultrapassou. Terá assim «multiplicadores» do seu apostolado, que desdobram muitas vezes a sua pessoa e levam às almas, o bom odor de Cristo. De tudo isto se conclui a necessidade do Centro Paroquial ou Secretariado Paroquial.

Que é afinal ?

D) *O CENTRO PAROQUIAL*

Não é uma obra a mais, mas um organismo central, coordenador da acção de todas as obras paroquiais. Por isso preferimos o nome de «Centro Paroquial» ao de Secretariado. O «Centro» é mais uma actuação espiritual e social do que uma obra. É uma presença que se afirma, um pronto-socorro que actua no momento oportuno. O seu fim é servir os paroquianos, cuidar de suas almas, e por vezes também, dos seus corpos, visitar, em nome do Prior, os paroquianos, confortar os tristes e aflitos, os doentes, preparando-os para os Sacramentos, cuidar dos pobres, ser traço de união entre os fiéis e a Paróquia, auxiliar a todos, na medida do possível, e ser uma providência visível na freguesia.

O «Centro» tem ao seu serviço um grupo de almas dedicadas que se não poupam a sacrifícios para levar o bem a toda a parte. Nunca fazem visitas em nome próprio, mas em nome do Pároco, enviadas pela Paróquia a cujo serviço se dedicam, por amor de Deus.

A reconquista cristã exige um trabalho lento de penetração, alma por alma, família por família. Temos de voltar aos métodos da primitiva Igreja. Urge reconduzir as almas à Paróquia e por esta à Igreja e a Deus.

É o grande apostolado dos nossos dias, a grande obra de salvação dos nossos tempos, a que quer meter ombros o «Centro Paroquial».

CON.º ANTÓNIO DE CAMPOS

Ecos da Vida Litúrgica

DIALOGAÇÃO QUASE MODELO

A Semana de Estudos da J. O. C., em Fátima, estava a terminar. Como fecho magnífico teve lugar a grande concentração dos rapazes e raparigas operários que de todos os cantos do País acorreram a venerar Nossa Senhora e a aplaudir Cardjin.

Ao acto principal presidiu Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo de Mitilene, celebrando na Basílica, a Santa Missa a que todos os peregrinos se associaram em respostas e cânticos entusiásticos e recebendo a maioria a Sagrada Comunhão. Foi durante esta Missa que pela primeira vez em Portugal — ao que nos parece — se realizou uma forma original de participação da assembleia cristã na missa dialogada que, por acharmos felicíssima apresentamos aos nossos leitores. Todos tomaram parte nas respostas que a assembleia costuma cantar na missa solene e só nestas. Por conseguinte: não houve dialogação durante o salmo da entrada, aclamações da Epístola e Evangelho, Orate Fratres, Confiteor, Misereatur, Indulgentiam, Domine non sum dignus e princípio da leitura do Evangelho de S. João. Estava tudo ensaiado para se responder às saudações finais, ao Post-Comunio e Ite Missa est mas, infelizmente, a parte de acção de graças não se dialogou por a Santa Missa ter prosseguido enquanto alguns sacerdotes distribuiam a Sagrada Comunhão. Foi por isto que encimámos estas linhas pelo título: dialogação quase modelo.

Mas passemos às inovações :

1 — Junto do microfone 3 dirigentes Jocistas que orientados pelo locutor da Missa faziam de scholla alternando com a assembleia.

2 — Assim ao ao *Kyrie*:

Solistas: Kyrie, eleison
Todos : Kyrie, eleison. Kyrie, eleison.
Solistas: Christe, eleison
Todos : Christe, eleison. Christe, eleison.
Solistas: Kyrie, eleison
Todos : Kyrie, eleison. Kyrie, eleison.

Com esta maneira de dialogar não mais aparece o décimo Kyrie tresmalhado, tão usual como desagradável, e nem se põe a dificuldade de ser a assembleia a começar uma nova invocação.

Nada impede, — que nos conste, — que se faça a dialogação deste modo com o próprio celebrante, não se podendo dizer o mesmo com o que vai seguir-se, excepto o Agnus Dei.

3 — Entoados o *Gloria* e *Credo* os solistas iniciavam a dialogação para assegurarem uma tonalidade aceitável (fá sustenido é o mais corrente) e iam alternando com a assembleia toda a recitação.

4 — Ao *Sanctus*:

Solistas: Sanctus
Todos : Sanctus
Solistas: Sanctus Dominus Deus Sabaoth. Pleni sunt coeli et terra gloria tua
Todos : Hosanna in excelsis.
Solistas: Benedictus qui venit in nomine Domine
Todos : Hosanna in excelsis.

5 — Ao *Agnus Dei* a assembleia respondia: miserere nobis e dona nobis pacem.

Toda a dialogação era máscula viva, contudo o *Amen* final do Cânone foi um grito de adesão tão espontâneo e clamoroso que nos impressionou vivamente. O *Hosanna excelsis* do Sanctus, vibrante e entusiástico, reboou pela abóbada da Basílica como aclamação mais convicta e fresca que os «vivas» que a todo o passo soltamos.

Até agora nunca tínhamos ouvido uma Missa Dialogada com tanta perfeição e calor. Parabéns, portanto, aos rapazes da J. O. C. e a quem os dirigiu.

J. R.

EMPREENDIMENTOS ARROJADOS

Falámos mais acima da Concentração da J. O. C. em Fátima. Referimo-nos agora à uma das iniciativas da J. I. C. F., no encerrar do seu 1.º Congresso. *Renovar — Unir*, eis o lema que todas ostentavam sobre as suas blusas azuis. Na realidade conseguiram levar a inquietação do sobrenatural a tantas e tantas almas do País inteiro e, em particular desta Lisboa que se deixou arrastar pelo entusiasmo e dinamismo duma mocidade arrojada que sabe o que quer.

Consagramos algumas notas à Missa da meia-noite celebrada por Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca no Terreiro do Paço que apresentava o cenário mais deslumbrante e imponente que possamos imaginar. Assim: uma multidão imensa de milhares de pessoas espalhou-se por todo o recinto tendo à sua frente sete dos nossos Prelados e o representante do Senhor Núncio Apostólico, alguns membros do Governo e altas individualidades da Nação e várias dezenas de sacerdotes. Junto do Cais das Colunas, um altar branco encimado por uma cruz enorme, tendo em baixo as bandeiras do Império Português, da Fundação e da cidade de Lisboa. Ao lado dois mastros com a bandeira do Santo Padre e a de Portugal.

Ao começar da cerimónia, do alto do Castelo de S. Jorge foram projectados dois holofotes sobre o altar. Mas o mais impressionante foi a construção do silêncio ao chegar o momento da Consagração: o locutor, feito apelo ao recolhimento, calou-se; todas as luzes se apagaram; só o altar refulgia iluminado pelos projectores; a fazer fundo, a marcha de continência executada por um terno de clarins. Toda a multidão de joelhos adorava a Jesus presente no altar.

Momento inesquecível e único. Só nos recordamos de tanta vibração íntima, neste local, a quando do embarque da imagem de Nossa Senhora de Fátima, em Dezembro de 1946.

Ao lado de tamanho deslumbramento houve, porém, algumas deficiências que seria ideal não terem existido. A mais notável foi a de não haver a funcionar no altar um microfone, a não ser à homilia. O Cele-

brante convida o povo cristão a rezar, saúda a assembleia, entoa o hino de louvor e acção de graças e ninguém o houve. Como recurso último o locutor disse algumas das saudações e leu o Pai Nosso e o Prefácio, tendo também cantado o Confiteor antes da Comunhão. Temos de concordar que a falta de microfone no altar desculpa alguns deslizes da dialogação mas, na verdade, esta e as explicações orientadoras dos fiéis deixaram-nos decepcionados. Esperávamos melhor, principalmente no tocante a respostas da massa que se manteve fria, deixada em passividade, sem aquelas aclamações e vibração a que estamos acostumados em Missas de A. C. Pareceu-nos haver demasiada improvisação, o que sempre é de lamentar.

Também não pôde causar boa impressão o terminar da Missa e os aplausos de despedida ao Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca, enquanto pelo recinto se ia distribuindo ainda a Sagrada Comunhão.

Um último reparo: o coro masculino não esteve à altura no salmo *Benedictus* e *Laudate* da Comunhão e nos restantes cânticos também se não pode dizer brilhante, excepção feita a «Doação» e «Salmo da Manhã» executados com alma, alternando-se os dois coros masculino e feminino sob a direcção do Rev. P. Viçoso Freire.

Resta-nos acrescentar que estas deficiências não puderam empanar o brilhantismo da cerimónia com o seu quê de inédito, e devemos fazer justiça às raparigas da J. I. C. F. que conseguiram uma organização impecável em tudo o que esteve sob a sua directa orientação.

J. R.

Semana de Formação Gregoriana

Da necessidade do elemento externo no culto que a Igreja presta a Deus, ninguém decerto duvidará a menos que se conceba a humanidade como uma sociedade de Anjos. É o próprio Papa Pio XII quem no-lo diz na «Mediator Dei» fundamentando a afirmação em argumentos irrefutáveis. E além da necessidade do elemento externo, a beleza terá de ser a sua característica essencial já que a divina Providência dispôs que «conhecendo a Deus por meio das coisas visíveis, fôssemos atraídos ao amor das invisíveis» (1). Para que de facto nos levem até Deus, necessitam essas coisas visíveis de reflectir em si a beleza do mesmo Deus. Por isso não pode ser alheio à Liturgia o elemento estético. «Sem ele, como diz um autor, seria incompleta a homenagem da criatura humana ao seu Criador.»

Daqui se infere a necessidade de dotar a Liturgia duma arte que lhe seja própria, arte em que o «belo seja a expressão duma ideia sob uma forma sensível bem proporcionada e adaptada à natureza e à dignidade do motivo tratado pelo artista» (2). E de todas as manifestações artísticas, a música sem dúvida alguma, que tem merecido especial solicitude dos Sumos Pontífices.

«Deve ser arte verdadeira, afirma Pio X, não sendo possível que doutra forma exerça no ânimo dos ouvintes aquela eficácia que a Igreja se propõe obter ao admitir na sua Liturgia a arte dos sons» (3). E depois de ter enumerado as qualidades que devem existir em qualquer música sacra,o mesmo Sumo Pontífice estabelece como lei, quando fala da excelência do canto gregoriano, o seguinte: «uma composição religiosa será tanto mais sacra e litúrgica quanto mais se aproximar no andamento, inspiração e sabor, da melodia gregoriana e será tanto menos digna do templo quanto mais se afastar daquele supremo modelo» (4).

---

(1) Prefácio do Natal, citado na «Mediator Dei».
(2) Principes d'esthétique por D. Amand, O. S. B.
(3) Motu próprio, 1903.
(4) idem.

Por isso são só de louvar todas as iniciativas que levem a uma maior difusão, maior compreensão e a um maior amor o canto gregoriano, supremo modelo de todos os outros. Pela mesma razão ainda, é digna do nosso aplauso, como o foi da aprovação de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca e de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria, a 2.ª Semana de Formação Gregoriana que se realizou em Fátima no decorrer do passado mês. Foi organizadora da Semana e professora duma das disciplinas a Mestre de Capela Senhora D. Júlia de Almendra, recentemente diplomada pelo Instituto Gregoriano da Universidade Católica de Paris. Principiou em Lisboa, no Conservatório Nacional da Música, com uma sessão solene a que presidiu Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca e em que proferiu notável conferência Mr. Auguste Le Guennant, dando a sua colaboração artística o Prof. Rosa de Carvalho e os coros das Florinhas da Rua, do Instituto de S. Pedro de Alcântara e do Seminário dos Olivais.

No dia seguinte em Fátima, iniciaram-se os trabalhos em ambiente de notável elevação e justificado interesse por parte de todos os semanistas que neles tomaram parte.

Dirigiu-os, com singular competência o Director do Instituto Gregoriano de Paris Mr. Le Guennant, mestre eminente que, aliando a vasto saber uma profunda espiritualidade, de tudo nos fazia participantes através da sua palavra fluente e vibrante. Inexcedíveis em clareza e elegância foram as magníficas lições sobre teoria gregoriana que a professora do mencionado Instituto de Paris, Mlle. Anne-Marie Toussaint proferiu. Das conferências realizadas merece referência especial a de Mr. Guennant quer pela riqueza dos conceitos nela expostos quer mesmo pela perfeição da forma (5). Após a conferência da noite, seguiam-se «Completas», cantadas por todos os semanistas, assistindo num dos dias Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria.

A Missa solene, cantada por todos quantos tinham tomado parte nos trabalhos da Semana sob a hábil e expressiva regência de M. Le Guennant, foi magnífico remate destes dias gregorianos!

Com o duplo fim de não esquecer o que se aprendeu nesta Semana e de preparar a seguinte de 1951, M. Le Guennant numa última reunião propôs com agrado geral fossem enviados a todos os semanistas exer-

---

(5) Vide alguns apontamentos desta conferência neste número.

cícios sobre teoria gregoriana, os quais uma vez corrigidos serão reenviados. Nessa mesma reunião, formularam-se votos por que com a maior brevidade possível fosse submetida à aprovação do Venerando Episcopado a provável constituição da «Liga dos Amigos do Canto Gregoriano» formada por comissões nacional e diocesanas.

Para terminar estas linhas, seja-nos lícito emitir um voto: que na próxima «Semana» de 1951 se atenda com o relevo que merece, à parte litúrgica da mesma para que de facto se possa dizer de «Formação Gregoriana e Litúrgica».

E posto isto, resta-nos, congratulando-nos com o facto, verificar com alegria a realização dos desejos e das esperanças que a incansável organizadora exprimia ao escrever: «que esta Semana Gregoriana possa ajudar à expansão, culto e amor da bela oração cantada.Que ela possa, por uma formação e preparação técnicas em que respeitamos rigorosamente os princípios de Solesmes, fazer brilhar como noutros países, o magnífico tesouro musical da Igreja».

FERNANDO CAMPOS

"O canto gregoriano, expressão da alma da Igreja"

(Apontamentos da Conferência de Mr. Le Guennant que S. Rev.cia o Sr. P.e José da Costa Ferreira gentilmente cedeu para a nossa Revista.)

O canto gregoriano baseia-se em texto e melodia e tanto num como noutra é oração e arte.

Consideremo-lo agora apenas sób o aspecto **cultual.** Não é só um canto sagrado, é mais — o canto litúrgico, isto é, o canto da própria vida cultual da Igreja. Esta não nos pede que tomemos parte no seu canto, como músicos, embora o suponha; mas antes, que nos unamos ao seu louvor, ao louvor que Ela, Esposa de Cristo, tributa ao Esposo ressuscitado.

O canto gregoriano, consagrado pela Igreja, é como o sacerdote, separado do mais para servir ao seu culto.

Litúrgicas são só as formas de arte que a Igreja resolve adoptar como tais.

Não diremos, é claro, que o canto gregoriano seja o único meio de oração cantada. A Igreja diz que toda a música pode ser oração, desde que seja orientada segundo os moldes gregorianos. Seria, portanto, injúria à responsabilidade da Igreja, dizer que o gregoriano é a única forma de oração cantada.

Não devemos ser mais papistas do que o Papa. Punhamos, no entanto, o canto gregoriano no seu lugar de honra.

A Igreja, que bem sabe o que diz, afirma que o canto gregoriano é um meio de chamar os fiéis ao verdadeiro espírito cristão. Logo, é falso afirmar que o canto gregoriano é canto de «élites», impossível ou antiquado.

O grave problema de hoje é o problema litúrgico, contra o individualismo, oposto este às grandes correntes da vida da Igreja.

Uma multidão não canta se esse canto não é a expressão espontânea de uma crença, duma fé. Isto é uma verdade basilar.

Durante a guerra, os soldados alemães entoavam pelas ruas de Paris em canções bárbaras e provocantes, o seu triunfo, e nós temo-las ainda nos ouvidos ; os comunistas cantam ; os escutas cantam ; só os cristãos não cantam.

Porquê ? porque perderam a consciência da sua Fé.

Em razão do nosso Baptismo, temos o dever e o **direito** de cantar, da mesma maneira que temos o direito como membros de Cristo, de participar no sacrifício do Altar.

O segredo da renovação gregoriano é a renovação litúrgica.

Se queremos que o povo cante é preciso que lhe demos as razões do canto — que lhe demos os meios para cantar. É preciso catequizar o povo, para o prepararmos, para lhe darmos consciência do que faz quando canta.

Na grande reunião de Colombo, os 100.000 cristão que ali se juntaram, cantaram em perfeita unidade de ritmo, porque sabiam o que faziam.

«Que eles sejam um». O canto gregoriano é o melhor meio de realizar esta unidade de vozes e de corações.

A melodia faz ouvir as ressonâncias secretas do texto, que penetram, assim, até as fibras mais profundas do coração.

Louvemos a Deus, não só com a nossa inteligência, mas também com o nosso coração, como dizemos antes do divino ofício : «Intellectum illumina, affectum inflamma». É quando cantamos que a nossa oração desabrocha no seu mistério.

O que falta ao mundo de hoje é qualquer coisa de espiritual, qualquer coisa que se pareça com o canto gregoriano.

António de Saint-Exsupéry, em carta a uma amigo, escrevia : «Se eu deixasse este meu mester absurdo (refere-se à carreira das armas) e viesse a ter fé, creio que só poderia viver em Solesmes.

Devemos ir à Liturgia com fome e com sede.

É ela própria quem nos convida :

«Gustate et videte, quoniam suavis est Dominus», «Sicut cerva desiderat ad fontes aquarum, ite desiderat anima mea ad te, Deus».

«Manducaverunt et saturati sunt nimis».

Deixai que a arte litúrgica opere em vós.

O artista, que cria uma obra, não lhe dá sòmente a sua ciência, a sua experiência, a sua técnica : imprimiu-lhe a sua alma. Pois o canto gregoriano, esta tão bela forma de oração, foi marcado pelo **selo da Igreja.**

Foi a marca da sua alma que a Igreja lhe imprimiu.

Por ele, a Igreja pede que realizemos a união a Cristo no seu corpo místico. Porque acima de tudo o canto gregoriano é **oração.**

A melodia gregoriana é a meditação que desabrocha em canto como a flor se abre ao sol : **oração que se faz música,** revelando à alma cristã a doçura das regiões misteriosas onde ela deseja ardentemente poder estabelecer-se na Paz . . ., ou, de forma mais expressiva, como no capítulo de Mogúncia Santa Hildegarda escreveu, em defesa do canto, que alguém queria ver proscrito da sua abadia : «assim como o Corpo de Jesus Cristo nasceu pela operação do Espírito Santo, da integridade virginal de Maria, assim o cântico de louvores, éco do celeste concerto, foi enraizado — (radicatum) — na Igreja, por uma semelhante operação do Espírito Santo.

O MOVIMENTO LITÚRGICO
nos ultimos 50 anos

Se bem que me propusesse escrever alguns artigos acerca do Movimento Litúrgico deste último meio século, não posso deixar, todavia, de me referir, de quando em vez, a outras datas que reputo fundamentais para uma exacta compreensão do Movimento Litúrgico e de escrever, à guisa de introdução, umas palavras de homenagem à figura e actividade de D. Guéranger, promotor de toda esta renovação litúrgica a que, felizmente, vimos assistindo desde o princípio do séc. XIX.

Nasceu D. Prospero Guéranger em 1805 e faleceu em 1875. Uma vida de 70 anos a marcar fortemente uma época nova para a vida católica, e uma luz a iluminar a razão do Homem que as «luzes» iam irracionalizando à medida que a Ciência progredia e o saber se limitava.

A Sociedade política e religiosa do tempo sofria dum mal estar de difícil diagnose, tão geral ele era. De toda a parte se reclamava uma terapêutica que fosse eficiente em toda a extensão do termo, visto a Revolução Francesa ter-lhe agravado todos os erros precedentes... Na verdade o mal, era muito mais remoto, ia buscar a sua o rigem ao Protestantismo, de que nos queixamos por tudo e por nada, sem pensar sequer que foi a nossa morte que lhe deu vida, pois que ele é fruto sazonado duma época como esta contra a qual reagira D. Guéranger.

O Protestantismo, com todos os seus rebentos — Jansenismo, Galicanismo, Quietismo, Febronianismo, Josefismo e, finalmente, o Modernismo, havia escravizado o Homem partindo dum erro filosófico-teológico, como seja este do princípio da corrupção da natureza humana, da não gratuidade da graça, da inutilidade das obras e da falibilidade do Sumo Pontífice.

A causa profunda de todos estes erros foi o nosso individualismo religioso que a pouco e pouco nos levou a desvios e a aberrações de que só o Homem era capaz...

À medida que o Individualismo se tornava em nós cada vez mais centrifugado, a concepção da «Ecclesia Orans» rarefazia-se ; a compreensão do Sacerdócio Colectivo — «vós sois a raça eleita, o Sacerdócio real», como se dirigia à Comunidade dos fiéis o apóstolo, tornava-se menos viva ; a ideia da Igreja militante obliterava-se, até chegarmos «à tristeza dos tempos actuais para ser facto a distinção entre massa e militantes».

Ora foi contra este estado, bem estranho na sua época, que D. Guéranger soltou o grito de alarme, despertando a consciência católica para o sentido do divino e procurando atrair-lhe a atenção para a prática do Dogma, onde se deve enraizar toda a piedade séria. Porque a piedade que é sentimento vive independente da teologia, já não é piedade sólida, e muito menos católica. Mas, para se conseguir estabelecer com seriedade o acordo entre a vida religiosa e a nossa convicção foi preciso sentir o sopro duma nova espiritualidade, duma formação mais doutrinal que nos desse a inteligência e a estima necessárias pelos ritos sagrados da Santa Igreja...

Na verdade, já era hora de nos levantarmos e de nos pormos a caminho da Casa do Pai. Há muito que vivíamos longe do verdadeiro espírito cristão, perdidos nos becos dum catolicismo atrofiado e atingido na pureza da sua fé e na integridade de seus costumes.

Foi D. Guéranger que fez com que o cristão voltasse a «ter saudades» daqueles tempos em que a Vida Cristã assentava essencialmente sobre um pensamento dogmático e integral, daqueles tempos em que a Vida Cristã penetrava o Homem todo e não se quedava à porta, satisfazendo apenas apelos sentimentais ou exigências doentias do coração.

Não. D. Guéranger provocou um Movimento profundamente humano, pois que ele devia atingir todo o Homem e todos os homens. Provocou um Movimento profundamente cristão porque ele visava implantar em todas as almas o reino de Cristo que é essencialmente Caridade.

O Movimento foi, pois, uma reacção. Reacção «contra todo o formalismo (ou formulismo, se se quer) de quantos viviam presos ao cadáver do letra, vazia de sentido» e procurou revigorar o sentimento

religioso de quantos num «devocionismo estéril» e numa «piedade ética» não subiam, por fadiga espiritual, às alturas da Liturgia — fonte perene de vida e «fonte primeira e indispensável do verdadeiro espírito cristão».

Dois homens, que foram dois símbolos, levantaram-se, porém, no meio de grande confusão nos espíritos que clamavam por um futuro melhor. Foram eles o desventuroso Lamennais e o nosso D. Guéranger!

Lamennais propunha-se reconstituir a Sociedade política da França com a ajuda da Sociedade religiosa, mas para isso urgia renovar não sòmente a filosofia e a apologética, mas também a teologia tradicional que, de há muito, parecia ter cristalizado... Ainda mais, era preciso, segundo ele, restaurar a ordem social da Idade Média, sobretudo a de Gregório VII. Foi o próprio Lamennais que no seu «Essai sur l'Indifférence» e na assídua correspondência com os amigos, mais de uma vez, teve ocasião de expor as suas ideias políticas.

Lamennais atrai a si um pequeno grupo de eclesiásticos, todos jovens de valor, de sangue ardente, como só saberia produzir a geração de Lacordaire, Montalembert, Rohrbacher, Gerbet, Salinis e outros. A ele cedo se vem juntar o fervoroso Guéranger, há pouco saído do Seminário, e, ao tempo, secretário particular do velho bispo de Mans.

Pela correspondência ardorosa entre Lamennais — seu Mestre — e Guéranger podemos avaliar o quilate da sua alma de verdadeiro apóstolo.

O entusiasmo e a generosidade que sempre caracterizavam todos os seus projectos grandiosos a ponto de, no calor da luta, cego pela paixão, ter podido exagerar, como de facto exagerou, são o melhor termómetro do seu temperamento invulgar.

Essencialmente Homem de Igreja perde seu Mestre, que, apesar da grande afinidade de perspectivas, diferiam profundamente...

Lamennais tinha uma religião «misteriosa, interior, trágica», impenetrável como nos revelará o fim da sua triste existência — apostatando. A Religião para ele era simples meio, como muitos outros, ao serviço da política, uma panaceia para todos os males da Sociedade para a qual ele, aliás bem intencionado, elaborava uma teoria social...

Guéranger, ao contrário, era um Homem de fé, de zelo pela Casa de Deus. Dotado dum espírito faiscante, ao serviço duma pena feiticeira, faz a grande descoberta de que só pela vida Litúrgica se conseguirá a Recristianização da Sociedade.

Alma valente de lutador consagra-se ao estudo da «Ciência do Católico», como ele chamava ao estudo da Tradição, único guia a seguir, no seu entender — estudo que não se detinha nem se comprazia únicamente na posse especulativa da verdade mas que ia mais longe, estudo que converteria a Teologia numa ciência de vida, numa ciência prática, no sentido de ela servir de fundamento a toda a nossa piedade. Só assim a conceberia, igualmente, um grande teólogo dos nossos dias. «Est enim theologia scientia quaedam speculativa veritatis revelatae, sed eatenus revelatae, quatenus conduceret ad finem fovendae pietatis.» Depois, a confirmar esta verdade — de que a Teologia é vida e deve influenciar toda a nossa vida de piedade — chama o testemunho do Apóstolo: «Quare Paulus apostolus illam nominat agnitionem veritatis quae secundun pietaten est (Tit. 1,1) E o nosso autor teólogo, eco de D. Guéranger, vai mais além ao afirmar desassombradamente que se ela, Teologia, não servir para isto, não é Teologia. «Nec proinde locum sibi vindicat in theologia ullum, si quid pietati fovendae ineptum». Porque, na verdade, a Teologia é Vida — Vida de Deus revelada por Ele próprio aos homens; e por isso todas as vezes que os teólogos fizerem dela trampolim para novas congeminações, tão estranhas quão estéreis, cometem o atentado de autênticos arruinadores da teologia» e por isso: pereant utique systemata, quae sunt, ut scripsit quis aequissime, «ruina theologiae».

Mas para se regressar à Boa Teologia, Teologia que não fosse mais «ramerrão escolar», não havia tempo a perder — àmanhã poderia ser tarde demais. Por isso aproveita D. Guéranger a primeira oportunidade que se lhe oferece e ei-lo em campo a escrever nas colunas do «Memorial Catholique» seus primeiros ensaios literários. Foram quatro artigos: «Considerações sobre a Liturgia Católica». Como era de prever surgem as primeiras dificuldades — incompreensões, animosidades, oposições despeitadas e tudo isto motivado pelo apego cómodo ao «statu quo».

Homem de génio, não recua perante as investidas de seus adversários, que foram muitos, a julgar pela espontaneidade com que sempre opomos reacção a tudo o que seja novo.

E o que é mais para estranhar é que sendo isto um defeito da nossa natureza nos não acautelemos antes de reagir.

Se houvesse de nossa parte mais respeito pelo pensamento alheio e maior desconfiança de nós mesmos... e da nossa ciência... não haveria tanto reboliço para aí, reboliço que só «faz poeira e poeira que só serve

para tolher a visão clara dos problemas e levar-nos a um inevitável e perigoso desnorteamento.

D. Guéranger, como disse alguém, Homem de sínteses rápidas e unilaterais, mostra-se desde o início Romano, Católico e, naturalmente, não esconde sua hostilidade para com as liturgias galicanas. Valeu-lhe isto acusações de «ultra-montanista» feitas sobretudo, como era de esperar, pelos galicanos. Nem admira que tal haja acontecido, pois ele fôra o primeiro a desferir o golpe de morte sobre o Galicanismo que surgiu, apenas, para «paralisar a acção vivificante do chefe da Igreja sobre os seus membros».

O que importava era realizar a obra prodigiosa de «Unificação Litúrgica» e tudo o mais viria com o tempo.

D. Guéranger seria para a França do séc. XIX o que D. Hildebrando, S. Gregório VII, foi no séc. XI para a Espanha — campeão da «Unidade Litúrgica». Como S. Gregório VII ele possuia a certeza de que a Unidade da Liturgia era a melhor garantia da sua ortodoxia, o forte vínculo que estreita o Supremo Pastor e as ovelhas e até o meio mais prático de evitar reparos e associar todos os fiéis à prece oficial da S.ta Igreja.

Ora o êxito deste Romanismo foi imediato e completo.

Em 1840, Parisis, bispo de Langres, adopta a liturgia romana. O seu exemplo é seguido em 1842 pelo Cardeal Gousset, Arcebispo de Reims. Outras dioceses vão deixando, umas após outras, as suas liturgias particulares, de maneira que em 1853 já Pio IX pode felicitar os Bispos franceses pelo seu regresso à Liturgia Romana. Orléans, a única diocese que em 1875 conserva ainda a sua liturgia própria, abandona-a também para se unir a Roma.

Grande vitória esta a de D. Guéranger ! !

Ele que se ufanava de seu Romanismo puro bateu-se sempre por esta ideia, porque uma vez estabelecida a Unidade Litúrgica já D. Guéranger poderia pensar em associar os fiéis à Hierarquia na celebração do S.to Sacrifício, na administração dos Sacramentos, na participação do canto, do ofício, etc.

Com efeito, outra orientação não tiveram seus estudos de História Eclesiástica, de Sagrada Escritura cujo sentido autêntico ele possuia mediante a interpretação tradicional dos S.S. Padres que D. Guéranger considerava o prolongamento do Carisma do Pentecostes.

D. Guépin, referindo-se ao alcance dogmático do ataque cerrado feito ao Galicanismo, pôde escrever : «a restauração da liturgia Romana

em França foi o prelúdio do Concílio do Vaticano e da ruina definitiva do Galicanismo». Na verdade assim foi. D. Guéranger escreveu, sem dar por isso, o prólogo do Conc. do Vaticano. O seu livro «Monarquia Pontifícia» que o Papa mandou distribuir, logo após a sua publicação, pelos membros do Concílio, do qual a sua modéstia o reterá ausente, apesar do direito que lhe assistia ao voto deliberativo, decidiu, para logo, a definição da Infalibilidade Pontifícia, questão que se vinha arrastando desde o Conc. de Trento.

Outra grande vitória de D. Guéranger ! !

Fiel à concepção da unidade visível da Igreja, a ela subordina tudo o mais. Para ele o princípio da unidade litúrgica tinha seu fundamento na própria constituição da Igreja. Rezar com todos os fiéis do Orbe católico, rezar com o Papa, ser romano, viver, pela Liturgia, na Roma terrestre «di quella Roma onde Cristo é romano» era o ideal supremo de D. Guéranger, filho duma Ordem essencialmente Romana.

Mas D. Guéranger não ficou por aqui. No próximo artigo veremos até onde o levaram o zelo e o amor pelo culto da Casa de Deus.

MANUEL PIRES DE CAMPOS

BIBLIOGRAFIA

Colette Yver — **Saint Pierre** — Editions *Spes*, Paris.

Perguntar-se-á a razão de ser de uma nova biografia de S. Pedro, quando afinal tão belos trabalhos, monumentos da História e da Ciência do Passado, têm falado tão eloquentemente do Príncipe dos Apóstolos. De resto, dir-se-á, este livro nada acrescentará à sua glória.

Mas . . . como resistir ao desejo de apresentar bem ao vivo o bom Galileu, a sua espontaneidade de criança — posto que não fosse muito novo —, a vida espiritual que lhe brotava quase naturalmente da alma, a veemente inquietação de consciência após a negação do Mestre, o martírio que lhe teria sido bem suave se o tivessem crucificado em pé como os outros ? !

Havia em toda a sua maneira de ser um misto de simplicidade natural e de domínio moral inexprimível que o autor traduz simultâneamente com toda a sua ciência hagiográfica e com todo o seu coração de cristão convicto.

Este pequeno livro é uma simples meditação sobre o Príncipe dos Apóstolos. Uma lenda que se passou verdadeiramente «naquele tempo . . .» e da qual nasceu a Igreja.

A. S.

Crónica de hoje

Passado um mês, eis-me de novo a retomar a narrativa. Atenção, caros leitores.

ACADEMIA DE SANTO ANTÓNIO — Reuniu-se no dia 19 de Março a Academia de Santo António em que animadamente se discutiram dois temas referentes à «Juventude e a Paróquia». No primeira, «Organizações da A. C. e Associações de piedade», sucintamente tratado por João Augusto Perestrelo, focou-se a característica principal da A. C., considerando as associações de piedade como *Obras auxiliares daquela*. O trabalho, pequeno mas bem apresentado, agradou a todos.

Em seguida o académico Carlos Alberto Nascimento falou sobre «a formação pelo desporto», baseado em verificações feitas em determinada cidade, vila e aldeia. Depois levantou os problemas: «o desporto e a religião», «o desporto e o sacerdote», que ràpidamente comentou.

O discurso, com uma vida exuberante pois se firmava na verificação de realidades, não permitiu distrações, merecendo o louvor de todos os académicos.

SESSÃO SOLENE EM HONRA DE S. JOÃO DE DEUS — Organizada pela Academia, em honra de S. João de Deus, realizou-se a sessão solene que acontecimentos imprevistos adiaram para o dia 26 de Março.

A ela assistiram alguns Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus, entre os quais o Rev. Superior e o Sr. P.e Gameiro. À sessão presidiu o Rev.mo Sr. P.e António Serrano na sua qualidade de Assistente da Academia.

O académico Manuel da Silva apresentou o orador, Sr. P.e Gameiro, e enalteceu a virtude heròicamente praticada pelos Irmãos Hospitaleiros — a caridade.

Em seguida o orador pronunciou o vibrante discurso em que afirmou, referindo-se ao patrono da nossa Academia, Santo António, e a S. João de Deus.

«Os dois santos portugueses de culto univesal ficam muito bem um junto do outro. Um ensinando, como doutor, a palavra de Deus; outro pondo em prática, na sua qualidade de Hospitaleiro, a mesma palavra divina que se resume no preceito do amor de Deus e do Próximo.»

E disse, mais adiante:

«S. João de Deus . . . amou não sòmente em pensamento e em palavras, mas com obras e em verdade. Toda a sua vida foi verdadeiramente uma aventura de amor...

«Não estudara teorias económicas mas soube descobrir o segredo de pôr em circulação os capitais acumulados . . .

«Ei-lo, feito mendigo, na empresa de transformar os bens materiais e perecedoiros em graças celestes e méritos de vida eterna . . .

«Dar a conhecer S. João de Deus e a Ordem Hospitaleira é manifestar a acção admirável do Espírito Santo nas almas; é dar a conheecr o coração maternal da Igreja; é prègar o Evangelho no que ele tem de mais sintético e substancial, a caridade.»

Após longos aplausos fez-se ouvir um dueto de canto acompanhado a piano, violino e órgão. O Sr. P.e José Viçoso Freire tocou em seguida um solo de violino, após o que S. Rev.cia o Sr. P.e António Serrano, com agradecimentos aos Irmãos Hospitaleiros, deu por terminada a sessão, executando-se por fim o hino de S. João de Deus.

EXAMES TRIMESTRAIS — Decorreram com a usada preocupação as provas escritas da 2.ª época. Mas como tínhamos estudado bastante, deixaram-nos a alegria no coração.

SEMANA SANTA — Como é costume e desejo da Santa Igreja, os seminaristas serviram nas cerimónias e cantaram, na Sé, durante a Semana Santa. Chegaram ao

fim visìvelmente cansados mas satisfeitos e com a alegria pascal. É bem verdade hoje como há vinte séculos embora em planos diferentes (e nós o sentimos), a voz da Santa Igreja: *Surrexit Dominus vere.*

CONTRIBUTO PARA A SEMANA GREGORIANA — Apesar de fatigados e em péssimas condições de voz, foi com alegria que demos o nosso pequenino contributo para a Semana Gregoriana, cantando alguns trechos no Conservatório Nacional, em segunda-feira de Páscoa, na abertura da Semana Gregoriana.

BOAS VINDAS — Se alegre foi a chilreada ao debandarmos para férias, não menos cheia de alegria foi a volta ao ninho. Após 15 dias de ausência tínhamos saudades, já, dos Superiores e dos companheiros, da casa e do parque.

Estamos agora na época das maiores preocupações escolares. Praza a Deus que o êxito seja a coroa do esforço que breve vai findar.

CÓNEGO CARDIJN — Com muita alegria nossa vimos no Seminário o Sr. Cónego Cardijn que veio como apóstolo ardente atear-nos o seu zelo pela Igreja, sobretudo pela J. O. C.

Fez-lhe a apresentação Monsenhor Cónego Reitor dizendo: «O Sr. Cónego Cardijn é o homem providencial que vive esta ideia: o mundo de hoje é dos trabalhadores; eles terão a primazia pois são os mais parecidos com Deus — o primeiro, o eterno e infatigável trabalhador que afinal nunca fez greve.

Se a Igreja tiver as classes trabalhadoras terá o mundo.

Quando o Cónego Cardijn fala, tem sempre diante de si esta grande conquista da Igreja.

Vai dizer-nos que com três rapazes sòmente fundou a J. O. C. belga que Sua Santidade, ainda Secretário de Estado, chamou a verdadeira forma da A. C. O que não nos poderá dizer é o entusiasmo e o calor dos corações desses jovens.

As palavras são poucas para lhe tecer elogios; para calcularmos um pouco o seu valor pela estima com que é atendido, basta dizer-vos que uma meia centena de operários que foram a Fátima, aprenderam o francês só para poderem compreendê-lo!

Após a breve apresentação o Sr. Cónego Cardijn fez a primeira conferência anunciada. Em lugar da segunda, porém, propôs-se responder a todas as dúvidas e dificuldades que lhe apresentassem.

Bem queria o cronista destas linhas fazer ao menos um pobre resumo de suas palavras, mas sente-se incapaz. É que o Sr. Cónego Cardijn não fala como os outros homens, e creio mesmo que nem sabe falar: comanda, dirige, age mesmo que só fale. A cor e a vida de suas palavras são impossíveis de traduzir.

E, afinal, porque resumi-lo seria traí-lo, com certeza, e porque os leitores ouviram pela Rádio Renascença ou leram em «Novidades» as suas palavras ardentes, julgo-me dispensado de tão árduo trabalho.

A encerrar a sessão, S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Arecebispo de Mitilene resumiu a vinda do Sr. Cónego Cardijn a Portugal, dizendo: «Votre passage est une route de lumière». — Luz e fogo que se estenda e se propague!

CONSAGRAÇÃO DOS FINALISTAS — Em romagem de filial amor estiveram na Cova da Iria, nos dias 3 e 4 de Maio, os quartanistas de Teologia. Foram, cheios de fé, consagrar à Virgem Corredentora, o seu Sacerdócio, pedir-Lhe que ateasse mais a chama do seu peito, o amor do seu coração — e a Senhora atendeu-os, com certeza, com um afã e carinho maternais que só tem Ela — Mãe bendita entre todas as mães.

Estiveram presentes 87 finalistas dos Seminários Maiores de todo o país; por razões graves faltaram os finalistas de 3 Dioceses, mas esses mesmos foram lembrados caridosamente nas orações dos que tiveram a felicidade de lá se reunir.

Sentiram-se irmãos — em Cristo e no ideal sacerdotal — logo no primeiro cumprimento de boas-vindas junto da igreja paroquial de Fátima; e não mais durante esses dois dias de *concentração religiosa* se deixou de verificar uma fusão completa e uma *confraternização amigável* de modo a não mais se sentir qualquer divisão partidária de dioceses que favorecesse bairrismos exagerados.

Todos irmãos em Cristo, todos obreiros da vinha do Senhor, todos reunidos sob o olhar de Deus para consagrarem *a Jesus por Maria* os sonhos de apostolado fecundo que dentro em breve serão realidade palpável por todas as Dioceses de Portugal.

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos

Preços módicos

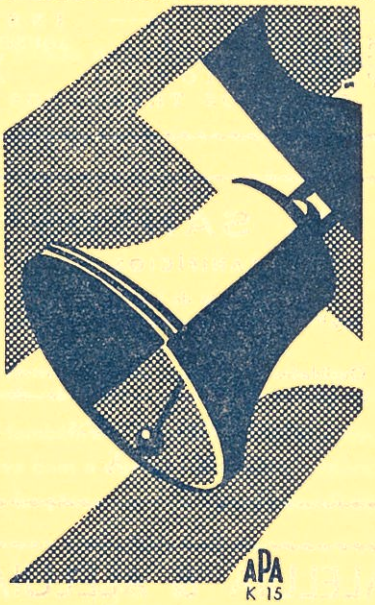
OURIVESARIA ALIANÇA

Celestino da Motta Mesquita

Proprietário

Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO

Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA



NÃO SE ALARME

COM O INSUCESSO, NEM COM A COMPLICAÇÃO DA TÉCNICA FOTOGRÁFICA A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO SEU GÉNERO EM TODO O MUNDO TEM ESTUDADO E RESOLVIDO OS MAIS COMPLEXOS PROBLEMAS PARA OS PÔR FÁCILMENTE AO SEU ALCANCE
CONSULTE

Kodak

KODAK LTD - RUA GARRETT

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — **Rua do Ouro, 166 a 170**

Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS
CASAS DE BANHO
PÁRA-RAIOS

AQUECIMENTO CENTRAL
VENTILAÇÃO
ASCENSORES

ELÉCTRICAS
CONTRA INCÊNDIOS
TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas

Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103

TELEFONES P. B. X. 21271-27817

LISBOA

ALELUIA & ALELUIA

FÁBRICAS ALELUIA

Azulejos brancos e pintados.
Louças sanitárias,
artísticas e domésticas.
Painéis com imagens

Telef. P.B.X.-22 *AVEIRO*

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

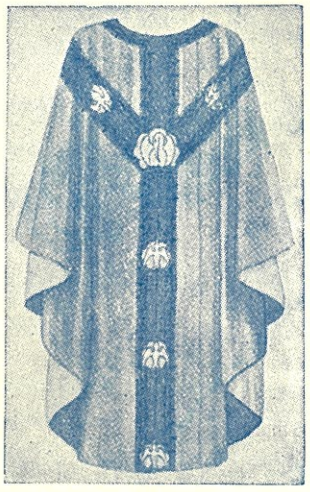
SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Assinaturas pagas directamente

Condessa de S. Tiago
D. Isabel Morais Sarmento
P.e José de Castro Paradela
José Luís de Saldanha (Rio Maior)
P.e Frederico Martins dos Reis
Eng.o António Manuel Líbano Monteiro
Con.o António de Campos
Centro de Assistência Social de Valado de Frades
José Augusto Pais Ferreira
P.e Antero Jacinto Marques
P.e José Agostinho Rodrigues
Major José Rôlla Pereira do Nascimento
P.e João Augusto Nascimento

"...É absolutamente necessário dar livre campo também à arte moderna, desde o momento que sirva com a devida reverência e honra dos templos e funções sagradas." *(Mediator Dei)*



Alpha et Omega

BAPTISTA & PADILHA, L.DA

Edições, Máquinas de Projecção, Filmes, Alfaias, Artes Liturgicas, Paramentaria e Alfaiataria Eclesiástica.

R. EUGÉNIO DOS SANTOS, 30-2.º LISBOA

Tosse?

